

TUDO VALE A PENA SE A ALMA NÃO É PEQUENA



Todos nós temos uma rua na memória — uma rua por onde escorre a infância, desfilando a vida num novelo ou desafiando o novelo da novela da vida. Eu não tenho rua, tenho um beco — o do Urubu, em Caxias, onde deixei a infância e onde me espera o recomeço da vida. Pois foi lá que comecei a conhecer Bandeira Tribuzi.

Depois que o trem passava à tarde no rumo de Teresina eu ia para a casa do 'seu' Temistocles, um cassaco cujo nome os meninos achando muito complicado logo simplificaram para Temista. Aquela casa era importante para mim não porque fosse a única no beco a possuir rádio mas também porque era a única onde os jornais se renovavam na sala. Eu gostava de ler uma coluna no "Jornal do Dia" em que o Tribuzi aparecia em clichê, muito parecido com um frade franciscano.

Tempo passou e eu já não tinha mais infância. A necessidade e os sonhos me tangeram pelos trilhos do trem. Chegando à noite em São Luis e vendo as luzes dos navios ao largo do mar, perto da estação, pensei que fossem estrelas. No beco do Urubu me diziam que as estrelas cadentes esbarravam no mar. Eu queria ser jornalista mas não terminara ainda o curso primário. Fui ser então jornalista, inclusive porque podia ler todos os jornais todo dia sem pagar.

Depois acompanhei Tribuzi, candidato a Vereador improvi-

sando discursos que eram verdadeiros poemas e incomparáveis lições de solidariedade humana. Eu era um dos locutores da campanha das Oposições Coligadas. Recordo Mata Roma emocionado, no Lira, tomando de mim o microfone depois de um discurso de poeta:

— "Eu já sou velho; vocês estão vendo. Já sou Vereador e se não for reeleito não tem nada. Façam-me o favor: não votem em mim. Votem neste moço aqui; ele é que é a esperança capaz de manter as esperanças de vocês".

Tribuzi não foi eleito. A Câmara não o merecia. Lago Burnet, outro candidato, ficou tão decepcionado que foi embora do Maranhão. Nunca neste Estado tantos poetas saíram às ruas pedindo votos. Além de Tribuzi, Mata Roma e Burnet, candidataram-se nesse ano os poetas Nauro Machado, Manoel Lopes, José Cândido, Carlos Cunha, Paulo Moraes, Reginaldo Teles, Clovis Sena.

Mas a poesia derrotada pelo caciquismo nos anos cinquenta iria à forra na metade da década seguinte, em 65. As Oposições Coligadas sempre tiveram em Tribuzi não apenas o poeta capaz de empolgar gerações, o orador inflamado, o editorialista combativo. Ele era também o mais preparado, o mais entendido — era o economista dos planos de Governo de todos os candidatos que a Oposição apresentou ao Governo. Ninguém planejou o Maranhão

neste País mais do que Bandeira Tribuzi, nos últimos trinta anos. Quem na causa da Oposição superará este homem em serviços prestados ao nosso Estado?

Revejo na "Canção Inicial" de Sarney o poema "Meditação Sobre o Bacanga" e me lembro de Tribuzi levando as filhas para o Colégio, indo cedo à feira, descendo a pé a rua da Paz e entregando o resto da vida às Oposições Coligadas, no jornal. Quem foi mais sacrificado da sua geração por esta causa do que este homem? Quem foi mais incompreendido do que ele? Quem tem sido mais exemplo de resistência e de amor cívico ao povo do Maranhão? Bandeira Tribuzi não apenas merece a homenagem do nosso reconhecimento. Merece sobretudo o nosso maior respeito, — "quer dele gostemos ou não".

O cinquentenário do poeta deve servir de oportunidade para uma meditação de todos nós em torno do que tem sido até aqui a luta da sua vida e os frutos da sua obra. Sousândrade também foi incompreendido e hoje está sendo tardiamente procurado. E quantos não o foram? Hoje Tribuzi também meditará e perguntará — "valeu a pena?" Invoco o Pessoa, poeta dos seus tempos em Lisboa e dos seus antepassados: "Tudo vale a pena se a alma não é pequena". Valeu a pena, sim. Você tem uma alma grande, poeta.

Edson Vidigal